



Editorial – Edição 29 – Outubro de 2018

Como temos enfatizado ao longo de todo o tempo de existência deste periódico científico, existe, no Brasil, uma grande barreira entre a academia e a indústria, que faz com que, apesar de o país apresentar uma contribuição significativa na produção científica mundial, a dificuldade de transformar invenções científicas em inovações práticas persista. Com isso, o país perde, deixando de gerar dividendos, tanto em termos de experiência e conhecimento, quanto em termos de benefícios à sociedade.

Órgãos governamentais de fomento têm procurado criar programas no intuito de ajudar a indústria do país a acordar. Mas, afinal, o que falta para isso? Primeiramente, é preciso quebrar o muro que separa os dois mundos, academia e indústria, mesclando-os, se possível, numa engrenagem única que gere conhecimento e, com ela, a inovação. Em países mais avançados, o número de pesquisadores atuando na indústria é muito maior, o que permite uma atuação mais convergente e em maior sintonia com a academia, trazendo equilíbrio e bons resultados para a sociedade.

É preciso também que o país comece a pensar diferente no que tange à gestão empresarial. A conjuntura econômica vivida pelo país nos últimos anos contribui com um certo receio que a gestão das empresas tem em arriscar. Isso é natural, porém muito perigoso. Essa cultura levou o país a pensar a indústria essencialmente como uma entidade de linha de produção, onde não há espaço para o pensamento, para a criação de novas soluções.

Alguns autores, dentre eles Jordan Peterson, da Universidade de Toronto, têm investigado o tema, sugerindo que as empresas normalmente nascem a partir de uma postura inovadora, mas com o tempo prescindem dessa postura no intuito de gerenciar os processos estabelecidos. Assim, “*managers*” acabam tornando-se, equivocadamente, muito mais importantes do que “*inovadores*”, ou seja, do que aquelas pessoas criativas que tendem a pensar de maneira divergente, lateral, e a quebrar regras, desobedecer. Essas pessoas e seus papéis são primordiais para a sobrevivência das empresas.

A situação se agrava no país quando a gestão toma por base métodos que remontam à época da revolução industrial, que preconizam a produção em série, a eficiência operacional, o valor traduzido em números. Na era do conhecimento, esses conceitos devem não só ser questionados, como também colocados em xeque. As empresas não podem mais se dar ao luxo de confiar apenas nos métodos industriais, buscando tão-somente a eficiência operacional. Não há mais espaço para essa cultura, especialmente em determinados segmentos, os quais dependem muito do conhecimento e da inovação para alcançar sucesso e garantir a sobrevivência num mercado extremamente dinâmico.

Muitos empreendimentos conquistaram, especialmente quando de sua própria criação, importantes vitórias frente ao mercado. Algumas delas, entretanto, resignaram-se com o diferencial alcançado, e relaxaram assumindo que a vitória parcial fosse suficiente para lhes garantir o futuro. Algumas outras vieram inclusive a sucumbir perante um mercado dinâmico e extremamente competitivo, mesmo tendo estado à frente de sua concorrência pelo tempo que a sustentabilidade de suas inovações lhes permitiu.

É provável que o efeito da conquista de um diferencial seja similar ao efeito ocasionado pelas artimanhas negociais que nos levaram à atual crise financeira. Esse efeito nada mais é do que a falsa ilusão de que as conquistas são mais sustentáveis do que realmente são. Em um mundo em constantes mudanças, tanto em termos de oferta quanto em termos de demanda, confiar totalmente em um passo bem dado pode significar a derrocada definitiva. A sustentabilidade da inovação só é garantida quando o pensamento que a rege consiste em torná-la obsoleta. Para ser sustentável, a inovação deve sobrepujar-se constantemente.

Por isso, torna-se essencial não apenas desafiar a crise com um novo olhar sobre o mercado como também adquirir uma postura de constantemente lutar para que a vantagem competitiva alcançada graças a esse novo olhar se reduza a zero. O futuro pertence aos que hoje enxergam além, mas o sucesso definitivo pertence aos que consistentemente questionam sua própria visão.



O setor elétrico não é diferente. Um grande passo foi tomado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) com a criação de seu programa de P&D, que vem adquirindo maturidade ao longo do tempo em seu intuito de aproximar a academia e o setor e, não apenas isso, gerar efetivas inovações que realmente tragam benefícios à sociedade.

Entretanto, parece haver uma dificuldade inerente à mentalidade das empresas, pois, por mais que existam programas que fomentem a inovação sustentada, mediante geração de conhecimento especializado, seus resultados continuam sendo acanhados, apresentando baixos índices de sucesso no que diz respeito à sua aplicação prática. O setor elétrico e, mais precisamente, as empresas, devem absorver o fato de que P&D e atividades voltadas à inovação têm uma natureza diferente e, portanto, são realizadas de modo diferente. Assim, é necessária uma quebra na maneira de pensar a condução das empresas.

Artigos publicados neste periódico são fruto de trabalhos exemplares, conduzidos por pessoas experientes, que demonstram sua competência em questões da área de energia. Esta edição apresenta dois artigos que apresentam trabalhos importantes sobre fontes alternativas. O primeiro deles procura prover o leitor de informações necessárias para uma boa compreensão da fonte alternativa “gás de folhelho”, conhecido também pelo seu termo em inglês *shale gas*, apresentando técnicas de extração e discorrendo sobre as possibilidades para o crescimento de exploração. O segundo artigo fornece ao leitor informações sobre a fonte alternativa chamada “energia marinha”, que engloba cinco fontes distintas: ondas, correntes, marés, gradiente termal e gradiente salino.

A partir desta edição, o periódico passa a se chamar “Espaço Energia – Brazilian Open Journal of Energy”, alteração que visa à sua internacionalização. Para tanto, o periódico também conta, a partir de agora, com novo corpo editorial internacional, que será responsável por julgar a estrutura dos artigos submetidos, sua pertinência, seu grau de interesse para a comunidade, seu estilo de escrita nos trechos em que o idioma inglês é obrigatório e, por fim, seu potencial de contribuição científica. O novo processo de “avaliação duplamente cega” (*double-blind review*) está representado no diagrama da opção “*peer review*” da *homepage* da Espaço Energia.

Damos boas-vindas ao novo corpo editorial e agradecemos o trabalho impecável feito pelos demais comitês, em especial, o comitê responsável pela avaliação detalhada de todos os artigos, que muito contribuem para sua qualidade. Agradecemos também aos autores pelo prestígio e pelo compartilhamento de sua experiência e conhecimento, parabenizando-os pela conquista da publicação. Desejamos a todos uma ótima leitura.

Klaus de Geus
Editor-chefe